

4º Jantar da LIGA

Pela quarta vez nos reunimos, em grande número, para celebrar um acto de solidariedade que, por mais que se repita, nunca se transformará num acto de rotina, porque a generosidade que o condiciona provém de uma vontade, não é um acidente.

Há, necessariamente, muitas coisas que se repetem nestes actos: a maioria das pessoas que, com a sua habitual presença, que tanto agradecemos e que tanto nos honram, não se cansam de nos apoiar, os nossos anfitriões a Senhora D. Celeste e o Sr. Dr. Manuel Violas que, com a abertura a que nos habituaram, se tornaram os maiores credores da nossa gratidão crescente.

São, seguramente, os mesmos muitos dos amigos aqui presentes, e repetem-se, portanto, os alvos do nosso agradecimento e até se pode repetir a ementa do jantar ou o lindo colorido da festa, mas o essencial é sempre novo, porque os destinatários que hão-de beneficiar da nossa compreensão são, sempre, outros.

Ontem foram crianças, hoje são vítimas de doença sem cura, amanhã serão idosos sem conforto, cuja situação, tantas vezes desagua na última das misérias, a da solidão absoluta.

Por esta participação generosa, a todos as nossas melhores saudações e o nosso mais sentido obrigado.

Aqui estamos, outra vez, com contas a prestar, outra vez com números, outra vez com dúvidas, sempre sem certezas, a não ser a da necessidade de ajuda que aqui, mais uma vez, empenhada e penhoradamente pedimos.

No ano que passou e foi tão depressa, as nossas principais actividades não tiveram a visibilidade que apetecia que tivessem tido. Uma grande fatia dos nossos modestos recursos ficou reservada para a concretização de um sonho lindo, que, como sonho, ainda não se vê, mas que se pode descrever e que nos envolve e que, por isso, não queremos deixar de considerar nesta oportunidade.

Foi com grande entusiasmo que no último jantar anunciamos a nossa adesão ao projecto do Joãozinho – esse projecto de construção de uma unidade pediátrica moderna que permita dar, a cada criança, aquilo que cada um de nós desejaria dar aos seus filhos doentes: ao lado e muito perto de uma assistência pronta, eficaz, próxima, carinhosa, com uma bondade técnica sem falhas, a proximidade do calor da família.

Pode haver quem duvide da legitimidade desta opção, porque é sempre muito difícil fixar os limites legítimos para a actuação de uma Liga como a nossa. O ponto de equilíbrio entre a tentação de um alheamento perfeitamente desculpável em face da dimensão da iniciativa e o risco de incorrer numa manifestação de activismo exibicionista, por se achar que chegou a hora de descer à rua, é difícil de definir e é por isso que nos sentimos, sempre, entre quem justifica aplausos e quem merece assobios!

Ora, deste projecto a que aderimos não consta oferecer blocos de tijolo ou sacos de cimento para uma obra que na sua concepção é, indiscutivelmente grandiosa. Isso é para outros dinheiros!

O que nos propomos subsidiar é a montagem nessa nova unidade de assistência de um sistema de visualização à distância, que permita às crianças com patologias que requerem internamentos longos e cujos pais, por doença, ou carência económica ou pela distância, não se podem deslocar ao hospital, possam sentir-lhes a presença através de um sistema de tele-imagem que mostre as caras e transmita as palavras, os gestos, o sorriso e lhes leve, por essa via, o carinho de quem as ama.

E, mais ainda, permitir às crianças doentes e nessas condições, participar nas actividades escolares através da ligação das instalações hospitalares à escola.

Não é de prever que tão cedo, se é que alguma vez, se possa esperar que este tipo de inquietação venha a incomodar a consciência dos nossos ministros ou a caber nos apertados orçamentos dos nossos governos, porque, não sendo um luxo pode parecer que anda lá perto!

Foi só com isso que nos comprometemos.

O número de instalações deste sistema cuja aquisição decidimos patrocinar ficará condicionado por dois factores: o preço de cada unidade e o montante dos nossos recursos. Poderão ser uma, duas, três dessas unidades.

Tem-se usado tanto a palavra solidariedade que ela hoje passa por nós, leve, vazia, quase sem sentido;
Serve para enfeitar discursos.

Mas é da substância dessa expressão, desta solidariedade real aqui visível em tantas presenças amigas, que nós precisamos!

É que, na medida em que se aperta a área da intervenção do Estado vai-se alargando o espaço que lhe fica ao lado e que é o nosso. Na situação que hoje vivemos é inevitável a perda daquilo a que uns chamam benesses, outros privilégios, outros direitos e que essas recusas abrem portas àqueles que vêm ter connosco.

Decisão governamental recente retirou às doentes pobres com cancro da mama o apoio que até então lhes era dado e que permitia ver atenuadas as consequências estéticas da intervenção cirúrgica ou quimioterapêutica a que essas doentes são sujeitas, e que são, muitas vezes, mutilantes do ponto de vista orgânico e sempre muito amargas, do ponto de vista psicológico.

A partir desse momento passaram a poder recompor a sua imagem apenas as doentes que tiverem condições económicas para o fazer; quem não as tiver fica assim.

Para anjos ou insensatos, o importante é o sucesso terapêutico que resolva o problema base. O resto é só aspecto, coisas exteriores, epidérmicas, secundárias. Mas nós também somos muito o que pensamos ser e o que pensamos ser está intimamente ligado ao que vemos ao espelho. À densa infelicidade do sofrimento gerado pela dor, pelo medo, pela desconfiança, pela dúvida, junta-se a penosa influência daquilo que cada um vê e que sabe que os outros vêem.

A nossa Liga pensou nisso e incomodou-se!

E em 19 de Dezembro, por iniciativa de um grupo de Senhoras muito devotadas à Liga organizou-se um chá de beneficência que, no palco habitual, o Hotel Solverde, - onde havia de ser - reuniu 300 Senhoras que se apressaram a dar o seu contributo numa tentativa de ajudar, quem menos pode, a recuperar o equilíbrio emocional que a doença levou e o espelho teima em não deixar esquecer.

O que se conseguiu não resolve tudo, mas pode ajudar muito!

E nós vamos fazendo o que pudermos.

Sempre dentro das balizas definidas para a nossa actuação, houve, ainda oportunidade para atender dois outros pedidos cuja satisfação, embora com menor visibilidade pela menor dimensão da dádiva, não deixam de ter expressão humanitária significativa: em primeiro lugar a oferta de uma sonda para ecografia transfontanelar ao Serviço de Pediatria destinada ao

exame de prematuros. Essa sonda, que o Estado não fornece, possibilita obter uma informação mais rigorosa e poupar sofrimento a esse tipo particular de doentes; em segundo lugar, a oferta de duas cadeiras de rodas ao serviço de capelania de modo a facilitar ou a tornar possível aos doentes paráliticos ou com graves problemas de locomoção participar nos serviços religiosos.

Finalmente, gostaria de informar que o caminho que temos vindo a percorrer para alcançar o estatuto de IPSS, desajeitadamente traçado entre a lei e a política, tem sido apertado, sinuoso e pouco iluminado. Ao fim de três anos parece que, finalmente, vai-nos ser concedido esse estatuto. Com todas as sucessivas e baralhadas exigências ultrapassadas, aguarda-se, agora, a decisão do Instituto de Segurança Social.

E agora, num postdictum, perdoem-me se for neologismo, é com muita alegria que publicamente quero agradecer a três grandes artistas e três excelentes Amigos a oferta dos três lindos produtos da sua Arte inconfundível, que estiveram expostos no átrio desta sala, e que vão ser leiloados a seguir:

Malangatana, António Joaquim e Júlio Resende, mencionados pela ordem com que nos fizeram as ofertas, responderam à chamada sem reticências e com amor. Quando se é grande é-se grande em tudo! Bem hajam.

Antes de passar a palavra ao nosso pregoeiro, o Sr. Revez e de lhe agradecer muito a simpática disponibilidade com que nos distinguiu, quero sublinhar, mais uma vez a generosidade que aqui reuniu tão distintos amigos da nossa Liga que, desta forma vêm dar corda à nossa esperança, neste sim de tantas boas-vontades.

Bem hajam!